ORGÃO : DA RENASCENÇA : PORTUGUESA :

11

100 rs.

A ÁGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

Directores:
Teixeira de Pascoaes.
António Carneiro.
Secretário da redacção, editor e administrador
Álvaro Pinto.

Correspondentes:
Paris – Philéas Lebesgue.
Salamanca – Miguel de Unamuno.
Barcelona – Ribera y Rovira.
Baía – Almáquio Diniz.

PROPRIEDADE DA "RENASCENÇA PORTUGUESA"

SUMÁRIO DO N.º 11 (2.ª série) – Novembro de 1912.

PREÇOS *(Pagamento adeantado)*

	Avulso	Semestre	Ano
Portugal . . .	100 rs.	500 rs.	1$000 rs.
África e Índia .	120 rs.	600 rs.	1$200 rs.
Espanha . . .	60 ct.	3 pesetas	6 pesetas
Estrangeiro . .	60 ct.	3 francos	6 francos.
Brasil	500 rs. fr.	3$000 rs.	6$000 rs.

PREÇO *dos anúncios*
(por publicação)

	Na capa	Além do texto
1 página .	4$000 rs.	3$000 rs.
1/2 " .	2$200 rs.	1$600 rs.
1/4 " .	1$200 rs.	900 rs.

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância. A cobrança é á custa do assinante.)

DEPOSITÁRIOS – No Pôrto – Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Carmelitas. Em Coimbra, F. França & Armenio Amado. Em Lisboa – Livraria Ferreira; Rua Aurea.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Baía e Santos; na África, em Loanda, Catumbella e Lourenço Marques; na Índia, em Nova Gôa.

Redacção e administração – R. Elias Garcia, 12, Pôrto.
Tipografia – Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27, Pôrto.

Toda a colaboração é solicitada.
Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretário da redacção.

A Nova Poesia Portugueza no seu aspecto Psychologico

(Continuado de pag. 94)

IV

Seguindo o methodo estabelecido na segunda secção d'este artigo, o nosso raciocinio, incidindo diréctamente sobre a obra dos nossos novos poetas, devia poder deduzir, com qualquér cousa como facilidade, as idéas metaphysicas organicas no seu espirito. Acontece porém que a intima complexidade e novidade da nossa actual poesia torna essa analyse dirécta extremamente difficil. A primeira constatação que o raciocinio faz na analyse de que se trata é de que a nossa poesia novissima é completamente e absorventemente metaphysica e religiosa; a segunda constatação é, porém, a da fluïdez, incerteza e caracter indefinido d'essa religiosidade e d'esse metaphysismo. E' perto de impossivel encontrar os nossos novos poetas fixos sobre um ponto metaphysico qualquér: nem a idéa que fazem de Deus ou da Natureza se apresenta de principio nitida, nem sequér é deduzivel das suas obras se teem ou não idéas de algum modo definidas sobre, supponha-se, a immortalidade da alma ou a autodeterminação da vontade. A unica immediata constatação que a analyse póde sem custo fazer é que a poesia dos nossos novos poetas é (1) pantheista, (2) não-materialista, (3) diversa de qualquér poesia propriamente espiritualista, mas contendo elementos caracteristicos do espiritualismo. Para além d'esta quasi que visual constatação, o problema toma uma complexidade que desconcerta e perturba.

Sendo isto assim, vemo'-nos forçados, para elucidação do assumpto, a orientar de outro modo a nossa analyse. A difficuldade de a fazer de modo directo leva-nos a concluir que, com mais probabilidade de segurança, só a poderemos fazer differencialmente. Mas differencialmente como? seguindo a linha evolutiva da poesia européa no que metaphysica, destacando os periodos culminantes d'essa poesia, fixando a direcção metaphysica d'essa evolução e os caracteristicos metaphysicos do ultimo grande periodo, e depois, comparando a nossa nova poesia a essa, perante a qual ella se deve mostrar fatalmente ou uma decadencia, ou uma reacção, ou uma continuação superior, um novo estadio evolutivo. Autoriza-nos a esta analyse d'este modo differencial, em primeiro logar o facto de, estando Portugal íntegrado na civilização européa, a sua poesia o estar tambem inevitavelmente, e por isso a significação d'essa poesia só se poder obter, na sua essencia ultima sociologica ou

metaphysica, por uma comparação com o periodo literario importante que europêamente a procedeu—obtida preliminarmente a significação evolutiva d'esse periodo e, d'ahi, deduzindo, os provaveis caracteristicos do periodo literario que se lhe seguirá; para que, da coïncidencia ou incoïncidencia dos patentes caracteristicos metaphysicos da nossa nova poesia com a d'esse deduzido periodo, aptamente se avalie se esta poesia representa o estadio poetico europeu seguinte, ou se tem de ser relegada para o logar secundario e restricto de mera poesia ou de decadencia ou de reacção.—Esta analyse differencial é-nos, em segundo logar, autorizada e imposta pelo facto de, sendo uma corrente literaria, em sua essencia, a expressão de um novo conceito do universo, e um conceito do universo sendo simplesmente uma metaphysica, a analyse dos periodos literarios sob o ponto de vista metaphysico ser a analyse do que n'elles é realmente typico e fundamental; de onde se conclúe que esta, a analyse metaphysica e differencial da nossa nova poesia, mais do que outra qualquér analyse, que anteriormente fizessemos, porá em nudez e evidencia o que de fundamentalmente grande e novo a nossa nova poesia literariamente contenha e sociologicamente represente.

Para ampla segurança d'esta analyse e natural preparação para a synthese ulterior, temos que (1) estabelecer quaes sejam os periodos capitaes e evolutivamente marcantes da literatura européa, (2) fixar, digressando, para podermos proceder com segura clareza, quantos e quaes sejam os systemas metaphysicos definidamente fundamentaes, (3) determinar, aplicando esta constatação áquela, quaes os systemas metaphysicos intimamente e caracteristicamente almas de aquellas culminantes épocas de evolução, (4) concluir, comparando as metaphysicas d'essas epocas, de que systema para que systema, ou de que especie de systemas para que especie de systemas, evolue a metaphysica da poesia europêa, e, portanto, a alma da civilização da Europa, (5) deduzir—determinada essa linha de intima evolução espiritual, e fixado qual o ultimo grande periodo literario europeu e qual a sua metaphysica—qual deva ser a metaphysica do grande periodo que se lhe deve seguir, (6) comparar a metaphysica da nossa actual poesia, tornada-nitida e classificada por um confrorto definidor com os systemas metaphysicos preliminarmente descobertos, com a metaphysica deduzivel como devendo ser a d'esse novo grande periodo da literatura da Europa. D'essa comparação sahirá determínada, não só definitivamente qual a metaphysica da nossa nova poesia (o que immediatamente pretendemos saber), mas tambem qual a significacão sociologica que haja em ter essa poesia a metaphysica que se descobrir que tem (o que é o fim mediato e ultimo de todos estes nossos artigos). Isto é, se se constatar que a Alma Portugueza está creando, atravez da sua actual Poesia, um novo conceito emocional—e portanto collectivo e nacional—do Universo e da Vida e que esse conceito é aquelle que na linha evolutiva da alma europêa representa um novo estadio creador, ter-se-ha estabelecido uma analogia irrefutavel entre o actual periodo literario

e os que, nos periodos maximos das nações maximamente creadoras de civilização, precedem um grande periodo de vida nacional socialmente creadora, e, de resto, *já são* esse grande periodo na sua expressão poetica, isto é, na sua mais alta e permanente expressão. Por outras palavras—se aquillo se verificar, terá já começado a dilatação da alma europêa que representará uma Nova Renascença, ainda que essa dilatação exista, por emquanto, apenas na alma do paiz de onde essa Nova Renascença raiará para o que na Europa estivér acordado para a receber.

V

Precisamos, pois, antes de tudo fixármo-nos sobre quaes sejam os periodos capitaes da literatura da Europa. Não é difficil conhecel-os. N'um periodo literario tudo está ligado, e á grandeza do periodo—entendendo por grandeza o seu valôr creador de novos elementos espirituaes de civilização—corresponde infallivelmente a grandeza individual dos seus representantes. Escusamos, mesmo, de nos detêr no exame do *numero* d'esses grandes representantes de cada periodo. Basta tomar conta intellectual do representante *maximo* de cada periodo, e comparal-o aos representantes maximos dos outros periodos. É uma questão de altitude espiritual. A grandeza de um periodo literario mede-se pela grandeza individual do seu maximo representante. Mas porquê? Por uma razão muito simples. Se a grandeza literaria de um periodo consiste no valôr do que elle é capaz de crear de espiritual, é evidente que uma das maneiras —a mais flagrante—de medir esse valôr é vêr o valôr do que elle é capaz de crear de espiritual *dentro de si proprio;* isto é, a altura espiritual e creadora a que elle é capaz de elevar os seus proprios elementos espirituaes, isto é as individualidades que em si contém. Ora a altura e poder creador a que foi capaz de se elevar nas almas méde-se evidentemente pela altura e poder creador da alma que mais alto se elevar. Não temos portanto que medir o valôr creador de um periodo literario com outra cousa que não seja o valôr do seu maximo literato—isto é, geralmente, porque a poesia é a mais alta manifestação do espirito, do seu maximo poeta. Homero e Shakespeare, as duas culminancias da literatura, provam dos periodos a que pertencem que são—como todos admittem que são—os dois maiores e mais creadores na vida da humanidade.

Guardemos, pois, d'esta analyse uma tripla constatação: (1) que um periodo literario é sociologicamente importante quando n'elle se notam figuras importantes de literatos, e, especialmente, de poetas; (2) que a importancia sociologica de um periodo literario se mede pela sua *maxima* figura; e (3) que, portanto, a humanidade só mostra em certo periodo, um *verdadeiro* avanço espiritual —isto é, um augmento de poder creador—quando o maior poeta d'esse periodo é superior aos maximos poetas de *todos* os periodos anteriores. Esta ultima, corollaria, constatação é illuminadora da historia. Assim na superioridade de Homero a quantos poetas anteriores se

divisem lê-se claramente o augmento de poder creador que a humanidade no seu periodo grego trahe sobre anteriores periodos; e assim como Homero é o primeiro maximo poeta de pleno e integral equilibrio, a Grecia Antiga é o primeiro povo plena-,lucida-e integralmente creador que na historia nos apparece. A inferioridade de Vergilio a Homero mostra que da Grecia para Roma a humanidade não avançou, que nenhum novo elemento espiritual lhe nasceu—o que nos indica nitidamente que Roma constituiu, não uma civilização, mas o prolongamento inferior e decadente da civilização grega. Só na Renascença nos apparece uma figura culminante, Shakespeare, que accusa sobre Homero alguma—não importa quanta superioridade.—Isto indica que a Renascença marca uma evolução real do espirito humano, o attingir de um grau já super-grego de poder creador. Como, desde a Renascença, ninguem ainda appareceu de quem se possa pretender que é superior, ou mesmo egual, a Shakespeare, forçoso é que se conclúa que a humanidade, se eutrou já em periodo de verdadeiro avanço espiritual sobre a Renascença, não chegou ainda á culminancia d'esse periodo.

Posto isto, ponhamos a nossa attenção no desenvolvimento da nossa analyse. Na literatura da Europa ha só dois periodos a que se pode chamar grandes sem escrupulos de adjéctivador. O primeiro é a Renascença, o movimento—para o nosso caso, apenas literario—que começou em Dante, culminou em Shakespeare e acabou com Milton.—O segundo é o Romantismo, entendendo por Romantismo o movimento literario principiado na Allemanha, com a sua culminancia em Goethe, continuado na Inglaterra, com Shelley por figura maxima, e acabado em França, com Victor Hugo por poeta principal. O "romantismo„ dos outros paizes é cousa, além de inferior e dependente d'estes, em alguns casos com outra significação. Isso não importa agora. Cinjamo'-nos á corrente representativa e central.

Estabeleçamos agora o valôr relativo da Renascença e do Romantismo. Pela nossa constatação de ha pouco, quanto ao modo de avaliar a grandeza dos periodos literarios, notamos sem hesitação que a Ronascença é superior ao Romantismo. N'esse caso que valôr tem, ante a Renascença e como vindo após ella, o movimento romantico? Visto que o seu valôr é inferior, elle só pode ser uma de trez cousas: ou uma decadencia da Renascença, ou uma reacção contra a Renascença, ou o principio de uma Nova Renascença, que em sua culminancia será superior, mas que pode não o ser em seu inicio, como Dante, o maior poeta do inicio da Renascença, é inferior a Homero.—Vejamos. Partindo da constatação, que adeante se fará—e que é, de resto, tão evidente que quasi se pode dar como feita—que o *espiritualismo* é a metaphysica da Renascença, torna-se evidente que, se o Romantismo é uma decadencia da Renascença, não pode a sua metaphysica ser senão uma decadencia do espiritualismo, e não poderá conter, portanto, elementos outros do que espiritualistas. Ora o Romantismo contém caracteristicamente um elemento pantheista—pouca importa por emquanto se puro ou não.

Se tem um elemento *a mais,* não pode ser uma decadencia da Renascença.—Tampouco pode ser uma reacção contra a Renascença. Se o fosse, a sua metaphysica seria *inteiramente opposta* á da Renascença, isto é, seria *de todo* anti-espiritualista. Ora, como veremos, o elemento espiritualista encontra-se presente—com mais ou menos, e por vezes com grande, nitidez—na poesia representativa dos romanticos. Não é pois o Romantismo uma reacção contra a Renascença: involve, sim, uma reacção, mas é contra outra poesia, claramente anti-espiritualista essa—a poesia do seculo dezoito.—Por exclusão de partes temos, portanto, infallivelmente que concluir que o Romantismo é, não já uma *epoca,* mas o principio de uma *epoca;* não é a Nova Renascença, mas o movimento precursor d'essa Renascença Nova. Constatada a inferioridade do Romantismo á Renascença, não ha outra hypothese a admittir.

(Conclúe).

Fernando Pessoa.

BÊNÇÃO DE DEUS

Olho prós céus! A luz, sulcando o mar,
—O mar da asa, o grande mar aéreo,—
Estende as velas brancas a cantar
A epopeia das ondas do mistério!

E a minha carne vai amanhecendo
Em estrofes de luz da branca aurora...
E os meus braços, fugindo, vão vencendo
—Qual asas brancas—pelo espaço fora!

Alvorada de luz! Semeia a Vida!
Esparge a água-benta desses céus!
—Nuvem que vai sorrindo, diluída...

E as coisas marmorizam-se um instante
Em carne de silêncio! Olhai distante:
—Um chuveiro de luz! Bençāo de Deus!

Santa Marta, 4—VII—912

Carlos de Oliveira

UMA CARTA DE FIALHO [1]

Villa de Frades (Alemtejo) 2 de Dezembro de 1909.

Ex.mo Snr.

Uma vida afadigosa e dispersa por afazeres inadiaveis não me permite ter ordem na minha correspondencia especialisadamente artistica e literaria.

A culpa não foi minha. Quando eu me ocupava exclusivamente de lettras, mil e um factores hostis me compeliram alfim a abandonal-as.

Agora, visto as exigencias da vida material, e a vóz prudente dos cabellos brancos, literatura e arte são para mim apenas impressões de segundo plano, e ha que alijal-as um pouco ao papel inofensivo de passatempo.

Por estes motivos não poderei aceitar o convite amabilissimo e de todo o ponto honroso para mim, que V. Ex.a me faz de colaborar na sua Revista, *visto como, não sendo o trabalho literario para mim preocupação quotidiana, longos e longos mêzes correm sem eu d'esse trabalho me lembrar; e por outro lado afazeres cazeiros a cada instante me obrigam a andar, como se diz, de Herodes para Pilatos, sem mais tempo ou atenção que dar aos linguados.*

Poderão os precedentes arrazoados explicar tambem o descuido de tão tarde notificar a V. Ex.a o recebimento do seu belo livro "Nitockris" *que li com sumo prazer, como quem assiste ao clarear d'um espirito com preocupações algo mais vastas, que as em geral reveladas por escriptores ingenuos e primeiriços. Algumas composições do livro são verdadeiros baixos-relevos, e prenunciam um escriptor sério e de raça. Oxalá que a carreira de V. Ex.a nas lettras seja mais seductora do que a minha, e que eu ainda possa aplaudil-o em muitas e seguidas produções.*

Mande V. Ex.a para o que deseje, o Servo e confrade em lettras

[1] Dirigida a Veiga Simões sobre um pedido de colaboração na *Farça*.

CINTRA

A. Teixeira de Pascoaes

Oh Pena, altar de nuvens sobre a Serra,
Paço de sombras reaes, feito em granito
E seculos de Azul,—olhando a Terra
Das janelas que ogivam o Infinito!

Oh vôo das florestas que se esfólham,
Tontas de ceus, fragancia!
Oh tardas sombras rôxas da Distancia!
Ruinas—noite donde as aguias ólham!

Oh cedros esmanchando as ramarias,
Afofando penumbras!
Crepusculos longinquos de arcarias!
Agua que, ao pôr-do-sol, és múrmura e deslumbras,
Que deslumbras meus olhos, meus ouvidos,
E, incerta de gemidos,
Vaes esculpindo a diafanos lavôres
As pedras onde o sol desmaia e verte côres!

Oh paizagem do Ceu! Cintra! Visão suprema!
Architectura dos accordes dum poëma!
Em ti as mãos do Vento em furia batalharam!
O Genio e a Lenda para alem te perpetuaram!

Oh Graça que desceste á Terra por encanto,
Granitos que ao luar sois brancos alabastros,
Ramos verdes, á noite, onde estremecem astros,
Meu canto vem de vós, é para vós meu canto!

Fraguedos, serrania,
Do alto de vós olhando!
Tolhidos de invernia,
Alados de neblinas,
Nos longes acenaes, noctivagos, em bando,
Franjas, espuma vaga de cortinas,
Aereas e nevadas,
Farrapos onde a Noite esconde as madrugadas...

Oh figuras dum drama subterraneo,
Gelidas do pavor das sombras que repassam!
Fragas, espectros vãos, que a um rasgo momentaneo,
O vento esculpe e os raios despedaçam!
E ao longe o mar é um canto de epopeia
Memorando naufragios...
Profundo ferve, anceia,
Livido estagna, e sonha, e para no caminho!

Eis que numa revolta, amargo de presagios,
Lavra de espuma e som visões em desalinho,
Rasga o pano da Noite e, monstro de aguas, uiva,
E tomba doido a rir, sobre os areaes, exhausto...

A areia escalda ao sol... Ignea de sede ruiva,
Mina-se de agua e Azul, absorve o mar num hausto!

Oh Cintra, rente ao Ceu, o mar te afaga,
Floresces em murmurio, em halitos de vaga...

De ti eu dominei, varei os horisontes,
Estou cansado já, fui Jupiter na Terra!
Nas tuas fontes,
Onde um crepusculo erra
E o ar é de abandono,
Que eu fosse o musgo em sombra verdecendo,
A voz de longe e Outomno,
Baixinho fenecendo...

Fosse a humildade,
Os humidos recantos
Onde a sombra se esquece, incerta de saudade
E a chuva cae em prantos...

Fosse o tronco musgoso, enverrugado,
Onde—lembrança eterna,
Um coração se vê de setas trespassado.

Fosse a Elegia do Ar quando o Ar inverna,
Rumôres de agua, queixas!...
Mansa, como rezando,
"—Porque me deixas!—„
Como que a Sombra diz no seu silencio frio
A' fonte de esquecida memorando,
Lucilante de lagrimas a fio...

Ah, pudesse eu viver pela espessura
Dos bosques rumorosos,
A's horas em que a Sombra as coisas transfigura!
Ser o Outomno, o crepusculo, a harmonia
Das aves cuja voz é um halito de luz
De poentes que morrem de saudosos!
Vestir os troncos nus,
Chorar melancholia...

A' tarde quando a luz penumbras vem rezando
A Fórma é Apparição,
Ha lagrimas de Azul as almas orvalhando,
A Côr é emanação...

ESTUDO PARA O DESENHO

Traziam-na os horríficos algozes
Ante o rei, já movido a piedade;

LUSIADAS — *Canto III — Est. 124*

(De Soares dos Reis)

Tudo se transfigura:
Ha paizagens, scenarios pela Altura.

Eu deixo de existir
Para mais dentro em mim viver, sentir...

E' a hora transcendente
Em que o Passado surge evocador do escuro,
E, soffrego, o Presente
Dissolve a nevoa do Futuro.

Oh Pena ao alto erguida,
Recortada na sombra—aza de aguia perdida,
Nas rochas esfarpando-se!
Nuvem numa outra nuvem evolando-se...

Oh Cintra, ao poente, a fumos de viuvez,
Subindo num adeus,
Chymerica de longe a Terra já não vês:
E' uma ancia de Infinito a que te abraza,
Oh verde forma de aza
Com fremitos de ceus!

Oh Cintra és já distancia
Na communhão dos astros!
Teus granitos transformam-se: alabastros,
De brancos a rezar... Ideal sonancia!

E, eu que vivi em ti, rezo comtigo,
Eu, o incerto, miserrimo mendigo,
Trago nos olhos tristes pedrarias,
Astros radiando pallidos fulgores,
Desmaios de harmonias,
No concerto mais intimo das côres.

E a Noite escuta, empallidece,
Um murmurio de voz esvoaça numa prece:

Flébil, o ar magoando,
Idillios suspirando,
Duma estrella que nasce ao por-do-sol
O canto chóra... lagrimas sem fim!

A alma dum rouxinol
Sonha com Bernardim.

E desfez-se, apagou-se
Em ondas de saudade—o olor mais doce...

Subito, heroico de saudades,
Um canto accorda, funde o bronze das Edades!

Oh canto pela noite, em prantos marulhado,
Memoria em cujo olôr ha mortas primaveras,
Pelos astros, o Espaço cadenciado,
Ungido pela benção das Esferas,
Falas da minha raça, dos profetas
Invectivando o Mar,
De moiros pela areia, cujas setas
Eram menos mortiferas que o olhar!

Oh rithmo das oitavas
Nas veias do meu sangue a tumultuar!
Oh lyra de Camões, accordes de ondas bravas!

E, bronzea a voz sucumbe: os ceus ficam arfando,
Reboando, echoando...

Mas a candura, a graça do sorriso,
De quem vive a morrer,
E tem no olhar de magoa o Paraiso,
E Deus no coração sem o saber,
Desfólham-se num halito de outomno
Pelos ceus, pelas almas de abandono...

Oh moreno cantor a ouvir de bruços,
Das gothicas ogivas merencoreas,
Musgosas de saudade,
Echos duma outra edade,
Vozes de viola zoando moribundas,
Morrendo gemebundas;
Crepusculo de som, penumbra de memorias...

Oh Lusiada absorto
Na chymera do Alem! Infante é tudo morto,
De que serve esperar!

Falas de longe: a Morte diz á Vida
A sua grande, eterna despedida...
Em ti, meu pallido Anto,
Ha mortos a falar!

Oh moribunda voz em lagrimas de canto...

E eis-me perdido e só, como um ceguinho,
Tacteio ceus de extactica harmonia,
E vejo Deus em mim a ungir-me de carinho,
E sou onda de luz em melodia...

Morri para viver alem da Morte:
Meu negro olhar agora é azul-celeste,

Oiço na minha lyra o meu transporte,
Senhor! Bemdita a morte que me deste!

Oh floresta! Oh granitos revestidos
De auroras e crepusculos e Lenda:
Que o som da minha lyra a vós ascenda!
Vossa esculptura de intima harmonia
Seja accordes em echos desferidos,
Eternidade, Azul, melancholia...

Quero inclinar a fronte,
Quero dormir ouvindo de Alem-Mundo
Meu carme gemebundo
Rasgando nuvens, ceus, aladamente,
E, baixinho, humanissimo, contente,
Humedecendo resequida fonte...

E eis-me esculpindo formas de florestas,
Eis-me gravando a som um tronco esqualido,
Abrindo nas prisões esguias frestas,
Por onde o luar se escôa muito pallido...
Eis-me esculpido a som, eis-me esculpindo
Oh Cintra o teu perfume pelo Outomno...
Eis-me sagrado e lindo,
Rasgando a luz a noite do meu somno...
E vivo a Eternidade no meu canto!
Attonito de mim, revolvo mundos,
Sou magico de encanto,
Érro pelos abysmos mais profundos,
E trago auroras rutilas nos olhos
E harmoniso de paz os horisontes!

Sou melodia humida do mar
Rezada nos escolhos...

E, ao vir do Outomno, incerto de distancia,
Saudoso olôr memóra a minha infancia,
Vou ausente de mim por mim a andar...

Tudo o que eu fui acórda! É agua viva...

Cintra, vagueio em ti! Nas tuas fontes
Minha saudade em lagrimas deriva,
E o Outomno é o meu fantasma a recordar!...

Ancêde. Outubro de 1912

Mario Beirão

Cartas de Pinheiro Chagas

II

Meu caro Guilhermino

Lisboa, 24 de Junho de 1873

Escrevendo hoje ao Manoel Vaz, não posso deixar de lhe escrever tambem, meu bom amigo, para lhe testemunhar mais uma vez a sincera estima que lhe votei, e as simpathias que as suas nobilissimas qualidades de espirito e coração me inspiraram. Entre as coisas que me hão de sempre tornar agradavel a lembrança da minha digressão á Beira, figura como uma das que mais apreciei, o ter travado conhecimento com o meu bom amigo, e ter podido apreciar o seu belo talento e a sua excelente alma.

Na carta que escrevo ao Manoel Vaz conto-lhe a recepção que me fizeram os pequenos. O Guilhermino, que é tanto de familia, pode avaliar bem as impressões que eu tive, quando, ao apear-me do wagon, encontrei minha mulher e meus filhos que me saudavam com alegria. Foi um bom momento, creia.

Isso não impede que eu me lembre com muita saudade dos nossos passeios e das nossas leituras. Lembro-lhe que o Castello de Monsanto *já tem agora quem zele os seus interesses, e que eu não consentirei que o seu auctor conserve mais tempo na obscuridade dos ineditos esse brilhante romance.*

Cumprindo a minha promessa, tenho desde já á sua disposição e á do asilo de Castelo Branco 20 exemplares da 2.ª edição dos Portuguezes Illustres, *edição approvada pela Junta Consultiva de Instrucção Publica. Diga-me o meu amigo a quem os hei-de dirigir e qual o modo mais facil de os enviar.*

Pedindo-lhe que apresente os meus cumprimentos á sua Ex.ma esposa e que beije muito por mim o meu amiguinho Jija, cujo retrato espero, e o Mino, rogo-lhe tambem que creia na amizade verdadeira e na gratidão de quem é

De V. Ex.ª

A.º sincero e obg.mo

M. Pinheiro Chagas

VERSOS PARA MEU FILHO

I

Como os tivesse, a ambos, no regaço,
A chorar de ventura escrevo agora...
E o meu Amor é um piedoso abraço,
Um dilúvio de luz pelos ceus fora!

Canta em meu coração o imenso espaço,
Nasceu em mim uma divina aurora!...
E este infinito Amor que eu não abraço
E não cinjo—este Amor—soluça, chora!...

O meu filho, meu Deus!... Ah! que tortura
Sentir a Alma anciosa de infinito,
A transbordar, opressa de Ventura!...

Ó minha Arte inútil, incompleta!...

—Quanto mais diz um desvairado grito,
E o Amor,—o Amor—ah! que maior poeta!...

II

O meu orgulho louco,—esta cegueira
Que me deslumbra se não sei dizê-lo,—
É um incendio de Amor!...
A terra inteira
É pequena decerto p'ra contê-lo...

A luz de Deus cinjiu a minha fronte,
Floriu meu coração como um jardim!
—Minha Alma é um ceu sem horisonte,
E eu trago um mar sem praias dentro em mim!

Quazi perdi a voz para cantar-te,
O esforço, ó Vitoria!... A minha Arte
Poz as mãos e resou fitando o ceu...

Resa no meu Amor todo o Universo...
E extasiado eu sonho ao pé do berço
Em que, a sorrir, meu filho adormeceu...

1912.

Augusto Casimiro

O DUELO DO LOUCO

Á Ex.ma Snr.a D. Palmira Pinto Machado

Antonio Joaquim entrára de scismar na morte do pequeno.

Aquilo tinha de sêr; não nascera ele - senão para desgraças.

Alma de desmedidos sonhos, crescera para dentro e, por isso, bem parcas eram as suas ambições terrenas. Uma casa pequena; toda branca de luz, ao de fóra, e de amôr, ao de dentro.

Encerrar a vida no circulo alargado dos seus beijos domesticos, prolongando a harmonia do seu lar em toda a vísinhança, dando aos outros o seu comovido amôr e recebendo-o devolvido em pão para a boca da familia.

Fundir o real é o ideal, jorrar, em quotidiano trabalho de espirito, aquele manancial de sonho, que espontaneamente dentro de si corria.

Como conseguir tão intima e directa vida de virtude?

Como não ter de distinguir entre o util, o necessario e a verdade do fundo d'alma, o sonho, aquele superfluo do corpo, que é afinal o seu motivo e valôr?

Ensinando o pensamento, o amôr e o trabalho.

Enviando a cada lar, pelas almas brancas das creanças, a alegria, a confiança e a virtude. Fazendo comungar, a todas as almas, a verdade e o amôr, pelas mãos angelicas dos inocentes.

Havia, demais, na sua alma de simples, uma timidez que o incompatibilisava com a cidade.

Fizera aquela casa tam pequenina e candida, toda envolvida e quente. Ao pé, uma fonte em monotono murmurio contava-lhe os elos, que, dia a dia, iam formando aquele largo abraço, que era a sua vida.

Para aí transplantára a sua esposa, que, vinda dos braços maternos, lá se viera admirar de haver no mundo carinhos sempre novos, castas alegrias sem fim.

A fonte corria sem tibiesas, torrentosa e espadanante. Na encosta seixosa, os pinheiraes evocavam recordações marinhas. Em baixo, ao longo do vale negro-verde, a agua corria subterraneamente, dando á terra uma fisionomia maternal, a sorrir na alacre policromia das folhas e das flôres.

E nas suas almas corria o enternecimento, floria a esperança...

Mais um fructo, de espiritualisada carne, nascera no populoso vale, de aguas e arvores.

Antonio Joaquim, no seu vago panteismo, adorava Deus no templo do seu lar, e, d'aì, espalhava a alma incensada, pelos seus alunos, pela natureza e pelo silencioso misterio da noite.

Nas suas meditações, sentia Antonio Joaquim bater o seu coração em acordo com um imenso coração oculto.

Se ele ia na directriz do divino amôr!

Mas um dia aquele imenso coração oculto apartou-se em misteriosa indiferença e o humilde Antonio Joaquim ficou a palpitar em frio silencio e gelada solidão. A mulher morrera-lhe, dobrando-se-lhe sobre o peito num beijo fremente e *bem estranho*. A pouco andar do tempo viu morrer o filho...

...E Antonio Joaquim anoiteceu.

O mundo que até aí lhe tentara os olhos e lhe parecera vivo, era-lhe agora insuportavel.

A naturesa era-lhe dantes, familiar e grata! Olhava o mundo, e em tudo conhecia uma intimidade viva, um profundo coração oculto; os olhos mergulhavam nas cousas e nos seres e anunciavam à alma, abismos inexgotaveis, onde o invisivel mora.

Agora o olhar atravessava tudo, rectilineamente; o mundo era sem entranhas, nú e visivel, trespassavel e transparente.

Tudo era sêco e morto, e o evoluir da vida — o círculo vicioso das aspirações humanas, a inutilidade de vibrações sem laço.

Onde e como viveriam aqueles corações desaparecidos?

E no amplo, raso espaço — nem uma concavidade de abrigo, nada que o olhar não atravessasse em continua inutilidade! Vazio, abandono, desespero...

Era uma visão de uniforme transparencia.

Subia ao alto do monte donde tantas vezes sentira crescer o pensamento em meditações consoladôras e o olhar, recusando-se a parar nos contornos da paisagem, nas paredes das habitações, seguia atravez os contornos, e as moradias, e as arvores, e os homens, a mesma trajectoria de visão nula e desvariante.

O Universo transparente á sua visão indagadora resolvera-lhe o Todo no Nada.

Em toda a parte se sentia despido; e, quando procurava a sombra e a vida, encontrava uma insuportavel côr livida, tudo envolvendo.

Tinha por vezes a bisarra impressão de que fôra voltado como o dedo de uma luva, e que o interior e o exterior se fundiam na lividez daquela alucinante coloração.

Assim decorreram dias lividos e eguaes em que Antonio Joaquim se arrastava, de monte em monte, sem alimento e sem palavras.

Procurado por visinhos piedosos, foi obrigado a alimentar-se e rodeado de carinhoso conforto.

Então, entrou de sentir uma vaga opressão visceral a que se habituou, e as suas lividas alucinações foram-se espessando. Eram agora fantasmas de treva que surgiam no campo da imaginação entanguida.

Passava os dias esmagado sob uma força, que, partindo do interior das visceras, e sobretudo do coração, como que as queria esmagar contra as paredes do organismo. Dobrava o corpo como a querer reagir, e aí ficava enovelado numa scisma inconsciente.

Outras vezes erguia-se e ia percorrer os logares conhecidos. Aqui falava a uma arvore, onde subira o pequeno para cortar uma

vara; além, de bruços sobre a agua, procurava a recordação da sua imagem ali tantas vezes refletida; mais além, ia beijar os vestigios dos seus mimosos passos, na relva obediente...

Então pensava e unia os fantasmas scismaticos á injustiça e brutalidade do golpe.

Fôra de repente, como um instantaneo trovão em ceu sem nuvens...

Uma doença epidemica e isolada, sem precedentes nem conseqùentes!

Nestes momentos a consciencia absorvia-se na injustiça e o fantasma da scisma vagueava insistentemente ao lado do seu pensar.

Discutia, por vezes, consigo mesmo, e voltava irritado ao pensamento obsediante da injustiça, que o ferira.

Fechou-se um ciclo de consciencia que, começando pela opressão visceral, acabava pela revolta contra a injustiça, fantasmada com as alucinações da scisma.

Pouco a pouco odiou esse fantasma negro, sombra daquela injustiça obsediante. Esse odio gesticulava, e talhava, assim, as feições do abominavel fantasma.

Entrou em delirante cogitar, a consciencia limitou-se alucinatoriamente e o pobre Autonio Joaquim, odiando e temendo o seu fantasma já bem real e permanente, endoidou.

O pobre disia agora que o seu filho fôra roubado por uma velha. Corria em vertigens de odio sobre essa velha que, em convulsões, disia ter agarrado e, passada a crise, soluçava porque a velha lhe escorregara por entre as enclavinhadas mãos.

Uma noite desceu do monte em vertiginosa corrida.

Lá em cima ouvira a velha a correr numa lufada de vento. Ela casquinara uma gargalhada de gula e dos seus dentes amarelos, esquirolados, recurvos, pendiam farrapos de carne gotejante. E corria veloz, ululante, deixando uma treva humida e fetida...

O pobre louco ouve a voz do filho chama-lo e corre na direção da aldeia. Encontra uma creança do tamanho do seu pequeno e agarrando-o de encontro ao peito, foge, foge sempre.

A creança olha-o aterrada e chora. Antonio Joaquim vê-lhe os olhos de terrôr voltados para traz.

Então aperta-a mais ao peito, e corre, murmurando:

"Meu querido menino. É ela, a maldita velha, que tu vês. Não chores, meu menino, encosta-te a mim, dorme nos meus braços, que ela não nos agarra. Eu vou esconder-te numa linda caminha, que te arranjei.

Virei buscar-te de comer, e depois eu heide embalar-te, aquecer-te no meu seio e dormirás tão quentinho que hade ser um regalo. Dorme meu filhinho...»

O louco beijava sofregamente a creança, e fugia numa correria sem cansaço.

Ela gelada de terror acabava por adormecer naquele peito de ternura, naquele berço que os braços do louco faziam tam bom.

Este, correndo sempre, passara já a crista do monte e galgava

SILÊNCIO

(De António Carneiro)

o declive. Dobrou ondulações successivas, e, lá ao longe, na maternal concavidade que separava os dous montes, o louco encontrou uma mina tapada de verdura e flores.

Despiu-se de quasi toda a roupa, aconchegou o pequeno, e, sob uma restea de luar, ficou-o olhando...

"É ele, o meu filhinho. A velha não nos pode encontrar.

Pouco barulho, não me acordem o menino.

Está tam líndo, meu Deus!

Olhem estes olhos, assim fechados, como são meigos! Como ele sorri! É de alegria, não admira, se ele tinha muitas saudades minhas!

Tem os pesinhos quentes, que eu aqueci-lhos com beijos...

E as mãosinhas? Ah! Estão muito bem embrulhadas, assim, na minha camisola.

Dorme, dorme...„

E o pobre louco chorava e limpava febrilmente as lagrimas para poder beijar a creança sem a molhar.

Assim esteve até manhã. Então, foi num salto á povoação proxima a pedir pão, e voltou a correr em rubra alegria.

Perto da mina, estendia-se a sombra dum pinheiro.

De longe, o louco sentiu a velha, e ofegante, a tombar, atira-se para a frente.

Chega; e o delirio lança-o, num ataque enraivado, contra o fantasma da velha.

Começa um tragico duelo, e o desgraçado, ao cair contra um, penedo, murmura "Não tenhas medo filhinho„...

. . . .

Na aldeia a familia do pequeno levado pelo louco procurava-o, aflitivamente.

Na povoação onde o misero louco fôra pedir alimento para o seu filhinho, informam do caminho seguido.

São batidos todos os logares, e vão encontrar o cadaver do pobre Antonio Joaquim á porta da mina.

Em torno é um poceirão de sangue, os miolos empastam as pedras, farrapos de carne tapetam o chão.

Um grito de horror se ergue dentre os que buscam a creança a que responde uma voz, entre chorosa e meiga, que chama "Mãesinha, mãesinha!„ E de entre a verdura sai a cabeça angelica da creança.

Eestes veridicos acontecimentos fazem comparar este louco, que morre de amôr paternal, com certos homens de juizo, que engeitam os filhos e sabem que a certeza da morte deve servir apenas para viver mais regaladamente a parca vida, que lhes é dada.

Vilarinho de Tanha.

Leonardo Coimbra

SOBRE O TUMULO DE UMA MÃE
A Mario Ernesto de Miranda
SE·ALGUEM·COMPREHENDE·A·MAGUA·QUE·TE·OPPRIME
NÃO·N'A·COMPREHENDE·MAIS·DO·QUE·A·COMPREHENDO.
MAGUA·QUE·O·PRANTO, ÁS·VEZES, NÃO·N'A·EXPRIME
MAS·QUE·NUM·RISO, ÁS·VEZES, SE·ESTÁ·VENDO!...
DEIXA·POREM·QUE·PAIRE·A·ALMA·SUBLIME
D'AQUELLA·SANTA·SOBRE·O·MUNDO·HORRENDO!
QUE·ELLA·TE·AMPARE·CONTRA·O·MAL·E·O·CRIME,
AO·TEU·FUTURO·BENÇÃOS·ESTENDENDO.
VEJO-TE·A·RIR AMIGO, MAS·NO·BRILHO
DO·TEU·OLHAR·EU·LEIO·TODO·O·INFERNO
DO·TEU·CELESTE·CORAÇÃO·DE·FILHO!
RI·COMMIGO! EU·TAMBEM·NUM·RISO·ETERNO,
SIGO·DA·VIDA·O·DOLOROSO·TRILHO,
SEM·O·GUIA·IMMORTAL·DO·AMOR·MATERNO!
Rio 23 de Setembro de 1912
Emilio de Menezes

O PEDREIRO CANTADÔR

A Mário Beirão

O**s homens,** filhos dos Deuses, sabem criar, segundo a própria imagem e à semelhança de seus divinos pais.

Os deuses criaram os homens e as montanhas; e a uns e outras, para sua firmeza, deram um rijo esqueleto de ossos ou rochas.

Mal da obra humana que não tiver a ergue-la e segura-la contra o vento das montanhas e a insania dos homens um suporte rocaz e ósseo.

Que as vossas imagens revelem sempre a divina maneira de criar e sejam todas brazonadas pelo mesmo ar nobilíssimo que ilumina a fronte aos descendentes da divindade.

Eu amo os criadôres em cuja obra colaboram as montanhas, os rios, as rochas, o vento e o fogo.

¡Por mim quizera criar com todas as energias da Terra e todo o lume do Céu!

¿Já foram aos estaleiros quando o arcaboiço das grandes náus mostra o duro esqueleto?

Assim aqui na minha frente se constrói uma casa, que por emquanto está toda em osso — paredes nuas e erectas nos fundos caboucos, travejamentos, guindastes, andaimes e cantarias à tôa.

Começa a casa a fenestrar-se e já dum lado a caveira da pedra abre as vazias órbitas das janelas.

Aqui aprendo em que diferem as construções dos homens das construções divinas: as náus e as casas começam por onde o homem acaba.

Os pedreiros trabalham e um deles a acompanhar o trabalho entôa um canto de monossílabos bárbaros, em que a harmonia tem a frescura da água na boca da fonte, tam livre, bem nascida e bem casada é à vida que interpreta.

Ou! eia! Ó pa li ó ei pei a ouú...

São ais e gritos, brados de celeuma, os primeiros sons que a boca articula, duma morfologia primitiva, porque a harmonia tudo lhes dá — ímpeto, dolência, saùdade, bravura heroica.

E eu que tenho uma alma sedenta de harmonia virgem, da harmonia que nenhuns lábios repetiram, môça de puberdade, reçumante de graça ingénua, mal o bárbaro canto desabrocha na bôca do pedreiro, por sua evocadôra virtude, regresso ao tempo dos mitos, das intonsas florestas, das tôscas naves, moldando ventres na água; e tenho exigências homéricas de Verbo simples, claro, directo: ah! que eu bem sei! era roubar às coisas a inviolada máscara e alimentar a minha Arte do sangue das suas Vidas.

Quem déra como os broncos pedreiros, erguer o meu canto em gritos, arranques guturais, monossílabos selvagens; que na bôca se me desfibrasse a vida com a única melodia, em que se embebe a sua essência única.

Pelo poder da melodia descubro e vivo a origem dos mitos; volto à idade em que os homens não distinguiam entre o coração e o cérebro, concebiam com todo o ser e eram juntamente poetas, legisladôres, filósofos e criadôres religiosos.

Todos os dias os pedreiros erguem blocos enormes para o alto das paredes; e, consoante os levam de arrasto por uma inclinada ponte de traves, ou os alevantam presos dos cadernais, ou com as longas unhas de ferro os vão rumando pela crista da parede fóra, assim o canto se arrasta de plangências, depois ala-se, heroico, às upas—*eipa, eipa, oupa, eh! homens!* e cai, acurva-se, alteia-se, afunda-se em nostalgia a remembrar calvários, lutas com deuses, épicos fastos sepultos.

Vi-os ha pouco ainda carreando pelas táboas uma brutíssima pedra e reconcebi a válida figura de Sisifo, que por entre as sombras plutónicas arrasta o seu rochedo para o cume do monte e, numa contínua e infernal alternativa, o bloco rola até baixo e o homem o leva para o alto.

Os pedreiros são fortes, hercúleos, terrulentos; teem a cara e as mãos tisnadas de solheira; os músculos obdurados pelo esforço e pelas guerras do ar; a grenha crespa como as plantas do mato; vestem camisa e calças chapadas de remendos; trazem tamancos. e escancaram a boca em risadas duma alegria contudente e brava,

Cá em baixo está um grupo deles. Aparelham o granito dando, de vez em vez, grandes pancadas com o marrão e batendo de contínuo as marretas nos cinzeis, enchendo o ar à volta da ferritoada aguda e dum acre cheiro embriagante a carne e sangue de pedra rasgada.

O môço pedreiro cantadôr é belo como um Antínous. Quando se lhe movem as ondas das faces nelas aflora ainda uma doçura profunda e nas calejadas manápolas distingue-se a graça debil e patrícia das mãos do artista.

Os canteiros, trabalham e, dominando o crebro retintim dos ferros e o bruto som das marroadas, o canto do pedreiro ala o esforço e quasi o arranca à Dôr pelo enebreamento musical.

¡Embarco, embarco, deixo-me ir a aventura na torrente da harmonia até chegar às origens, navegando as cataractas desse Nilo sagrado e evocadôr!

E longe, a perder de vista, sobre uma face que a Terra já não tem, multidões de escravos erguem muralhas, pirâmides, colossos e esfinges, cavam canais e lagos, levantam os coliseus e os arcos triunfais. Sou na Campania agora. O canto revoou em grita épica, clama extermínio e vindicta e passa por mim o Spártacus, arrancando aos ergástulos os milhares de irmãos, assolando a Terra como um rápido tufão, que o Tempo ainda não amadurara para as grandes catástrofes.

Que bem canta o moço pedreiro! *¡ pulaei ó pedra ó.*

É carne de palavras aos pedaços, que a harmonia unificou em vida e onde de quando em quando apenas aparece nítida num ritornelo amoroso — a pedra: *eia pedra ou oua pedra ei.*

O canto comunica o ritmo ao esforço, une todos os braços, como se fôra só um — braçode Hércules a impelir a roca enorme.

E fraternisando humildade, resgatando o Mal com o Amôr, os pedreiros a aligeirar a bruteza das pedras, a emover-lhe, vaporizar-lhe a inércia e a espessura, dizem-lhe nomes carinhosos: *Oupa pedra linda Oupa pedra santa...!*

O pedreiro lusíada ama tambêm as pedras; por isso elas, comovidas e gratas lhe obedecem! A santa harmonia realisa o milagre da Ascenção da Pedra a tal ponto que os braços quási se levantam apenas no gesto de a remir da sua escura inércia.

Foi assim à certa que teve origem o mito de Orfeu, que ao som da lira arrastava as pedras e as levantava para o alto das muralhas em construção. Bem vejo que os pedreiros sorriem de encantados, pois a pedra parece levitada pelo mágico poder desse pedreiro Orfeu.

Cheguei ao momento divino: vejo o pedreiro cantadôr nos seus claros atributos — a fôrça invicta, a harmonia que arrasta, a perfeição da carne e o novo poder de amar — e no ouvido sussurram-me as palavras de Ovídio: "Meu génio leva-me a cantar as novas formas que a vida revestiu„

Hércules, Orfeu e Antínous caldeam-se no meu sangue e a minha Alma ébria de fôrça, ritmo, beleza e Amôr concebe o novo Deus, que use a clava e a lira, se amostre em toda a nudez e ame tambem as pedras — pobres dum novo Cristo.

Homens eu vos entrego um Deus lusíada. Para alem das suas virtudes pagãs, um super-cristianíssimo amôr resgata as pedras do pecado original da gravidade.

Compositôres musicais, criadôres de melodias vinde escutar este Deus, porque na sua voz claramente se revela a alma lusitana em pura fórma harmoniosa.

E se o quizerdes ouvir, íde por essas terras do Norte, onde é mais puro o Portugal antigo e parai junto dos pedreiros á hora da faina e escutai, porque todos assim cantam, sabe-se lá há quanto tempo, à espera que alguem com misteriosos sentidos lhe aperceba a Alma para a deificar na Arte mítica.

Músicos, poetas e escultôres lusitanos, eu vos anuncio este novo deus. A mim se revelou numa hora de amorosa e enternecida atenção: ajudai-o a criar assim.

Que os homens, filhos dos Deuses, sabem criar segundo a própria imagem e á semelhança de seus divinos pais.

Do livro «Daquem e dalem Morte» a sair, editado pela «Renascença Portuguesa».

[signature]

A Teixeira de Pascoaes

Cresce a onda verde-azul, ao longe se avoluma,
Vem colleante em curvas voluptuosas,
Enlanguescida deita-se, espumeja e guaia,
E vem lançar na praia
Como um punhado collossal de rosas
O alvissimo cairel da farfalhante espuma.

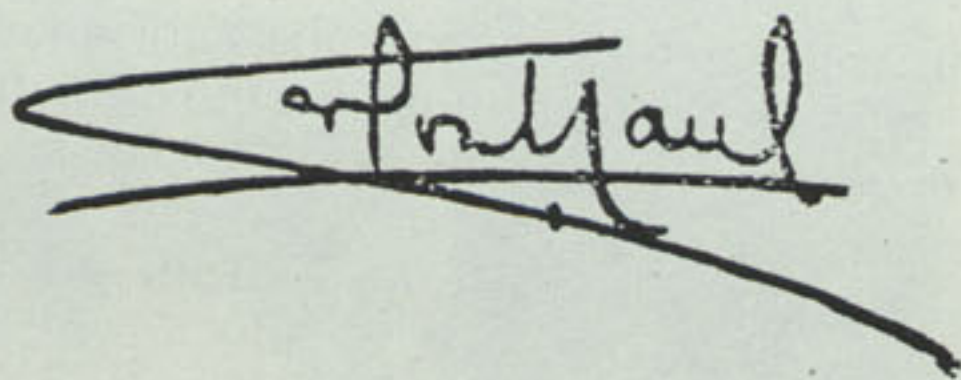
O Oceano é o Titan de alma que brame e canta
A universal canção da Força omnipresente;
E' o espelho da luz do Sol fremente
Que da concha azul do alto se desata,
E ao Sol, em pleno dia,
O mar em calmaria
Parece um novo céu com estrellas de prata.

Sereno, murmurando estrophes tentadoras,
Despedindo do seio espelhantes scentelhas,
Semelha ter no dorso um enxame de abelhas,
Argentinas abelhas zumbidoras.

Aves marinhas passam cantando
Passam gemendo
Czardas iguaes ás que os zingaros cantam,
Mergulham n'agua as azas e as levantam
E vão para longe voando
Sempre cantando, sempre cantando.

—O' mar de verdes aguas harmoniosas,
O' Tantalo immortal que as praias lambes
N'uma sede insaciavel de bebel-as,
Quando te fito ao vir das luas cheias
As tuas ondas parecem-me sereias
De cabelleiras brancas desnastradas
E coroadas
De lyrios brancos e de brancas rosas.

E's então o irrequieto espelho das estrellas
Que avidas como quem busca um thesouro
Chafurdam na tua agua os braços de ouro.

Tremúla sobre ti como serpente accesa
A luz versicolor dos olhos dos pharoes;
Traz no fim de um raio presa
A alma assassina de um rubi sangrento,
E depois de um fulgor amarellento
Olha tranquilla sobre ti tranquillo
Com olhos de beryllo
Glaucos e bons cor da esperança.

Passeiam sobre ti cantos de pescadores
Suavissimos e bons como o aroma das flores,

Os barcos vão correndo as aguas recortando
E lacteas florações atraz de si deixando.

—O' mar incontentado,
Voluvel como a alma das mulheres,
Que queres
Com teu rugir de leão encarcerado?

Nada. Tudo. E como Ashaverus, errabundo,
Esperas algum dia na tua furia
Enlaçar o mundo
Com teus extensos braços de luxuria...

Rio de Janeiro Brasil, 912.

DESTINO

(CONTO)

A Jayme Cortezão

Adolpho era um dos alumnos mais novos da minha classe. Tinha treze annos. Lembrava um homenzito vergado ao peso de uma responsabilidade que não communicava e mal podia ler-se no seu olhar de treva.

O director do Colegio, o velho von-Hafe, um allemão espadaúdo e alto, anecdotico e sabio, bem humorado e curioso por dever da indole dos alumnos, — inquiria a miudo da saude e desgostos de Adolpho, que o encarava contrafeito, mascarando-se de risos sem côr, alegrias falsas.

— Que se sentia bem, informava.

Professores e alumnos tratavam-n'o excepcionalmente, milagre da sua distincção e porte.

Mas mal acquiescia aos carinhos que lhe prodigalizavam, vivendo á parte, mal accordado com a edade e enthusiasmos dos demais rapazes.

Estudava pouco. Entretanto, mercê da sua acuidade, porventura doentia, ia vencendo as aulas que, a bem dizer, cursava de ouvido.

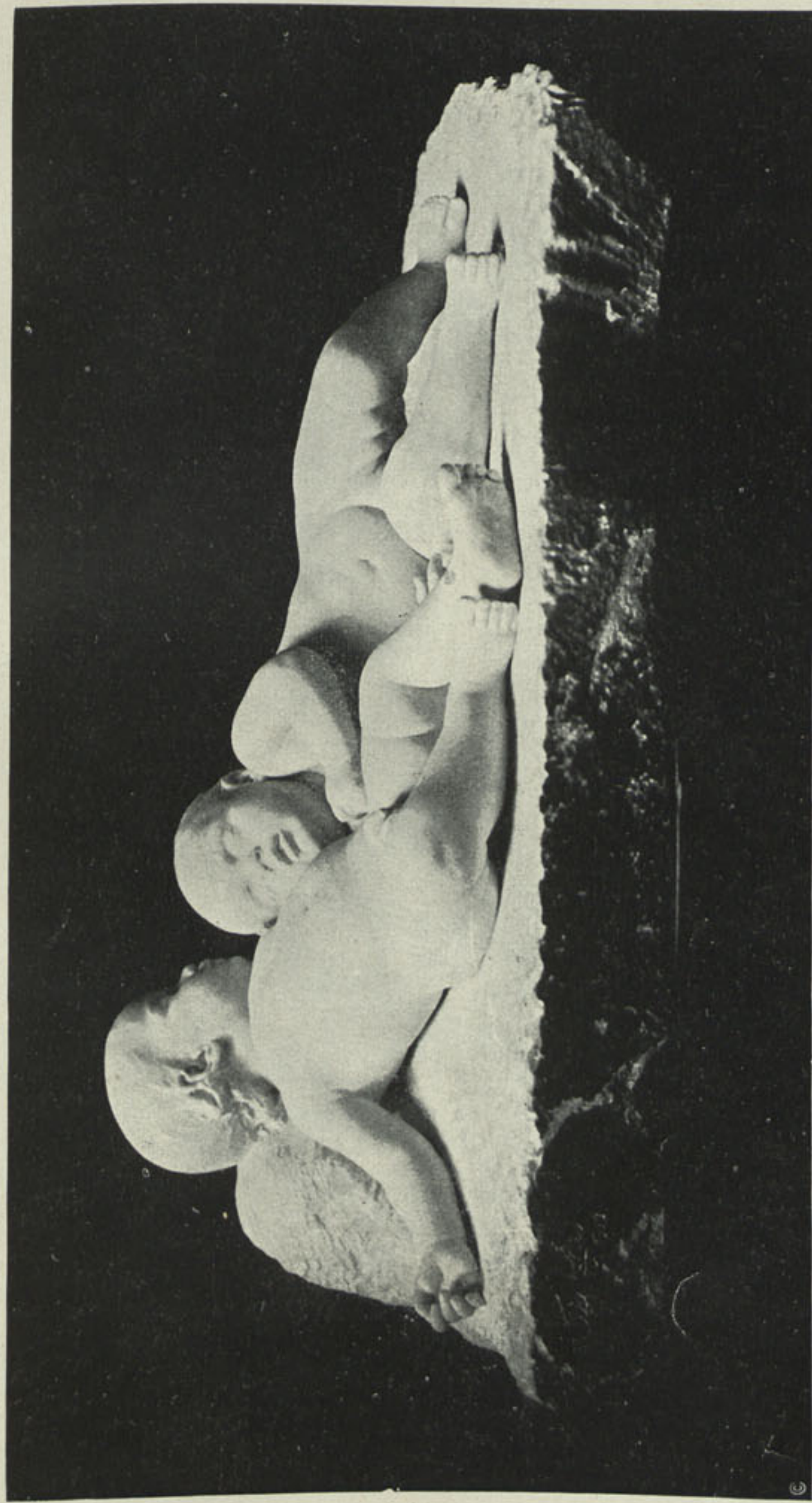
Recordo a sua figura extranha, aprumada e fatal, por entre os gárrulos rapazes que eramos, barulhando futilezas embravecidas pela edade e gritadas numa ancia de expansão innocente...

Parece que a mocidade, o genio das edades, encontrára n'elle um motivo superior de tristeza — e d'ahi adolesce-lo n'aquella expressão rara de tortura precoce.

Singular figura!

Por que capricho intravasaria o Deus-Destino n'aquelle ephebo-branco uma alma de velhito? — era a pergunta que nos faziamos, quando ao deixar os jogos e de partida para as aulas reparavamos que elle tinha uma só expressão — a tristeza gelada que lhe vestia a physionomia, nas aulas como nos recreios.

Exquisito rapaz! Urdil-o-ia assim a Natureza que neva por capricho qualquer manhã de junho? Seria um sombrio nato? Ou que acontecimento lhe seccaria a alegria n'uma edade em que o riso é *só por si* a Vida?

Isto pensava annos depois quando, fóra do collegio, reconstituia a figura extranha de Adolpho — aquella sombra animada que o meu espirito ainda hoje memóra como photographia preciosa, positivo de fatalidade, belleza adolescente, fados precoces...

MÁRMORE

(De Teixeira Lopes)

Separamo-nos depois de dois annos de pequena camaradagem de collegio.

E durante largo tempo deixei de encontra-lo. Passaram annos. Soube depois que vivia num recanto do Minho, em Ancora, pois que d'ahi datava pequenos escriptos, casos de philosophia bizarra e intima, impressões que appareciam em Revista, ás temporadas.

Eu lia-o com interesse. As suas notas eram fragmentos d'aquella alma que errara pelo Collegio quando todos amanheciamos para a vida, e que intrigara o allemão, professores e alumnos.

O seu talento era um caso notavel de emoção.

A edade resolvera a esphinge a fallar. Adolpho editava aquella melancholia que crescera com elle, que era elle permeando uma raça desfalcada e infeliz.

Intravasara todo o odio. Na sua philosophia, casada de exotismo e orgulho, sobresaia o fino perfil do collegial, agora em saldo de contas com os que teimavam em desce-lo do velho isolamento.

Pobre rapaz! se fosse possivel restituir-lhe os velhos dominios, prosapia, o poderio dos maiores, por tempo limitado, por poucas horas, havia de faze-lo só para lhe vestir de sol a physionomia, habitualmente de treva. Impossivel! Como estava longe do tempo! E fossem lá dizer-lhe que a felicidade está em andarmos com os tempos!

Não acreditava. Ou, se o tinha como certo, relegava a felicidade pelo preço. A sua vida era o conflicto com o tempo...

Um dia, foi ha poucos annos, deixava eu a extrema de Carreiros com destino ao segundo Castello que fortalece a costa, entre Fóz e Leça. A estrada segue perto do mar.

Entrei no areal.

O mar, que na Fóz se recorta de encontro á penedia, segue depois sereno até ao Forte, espraiando-se branco pela areia fina. Entre o mar e a estrada ha uma tira de areal que segue da Praia dos Inglezes ao Castello.

E' o campo eleito das creanças que ahi buscam jogas e conchas polychromas, meio-occultas como thesouros de belleza sob a areia d'oiro humido.

Eu ía recordar alli retalhos de creancice que lá tinha deixado, havia muitos annos.

Subito vi destacar um pequeno, figurinha rica de Sévres, cara fresca de fructa, seis annos, marrafa escura sobre a testa branca, olhos de velludo negro, a correr e a gritar:—Um beijo, achei um beijo.

Segui a direcção do pequeno. Quedou junto d'um rapaz, macilento, que podia ter vinte-e-oito annos, amaneirado, porte distincto e grave, que recebeu a concha exigua que lhe mostrava a creança, sempre a gritar:—um beijo. E' do mar—guarda-m'o!

E o homem, côr de pergaminho, recolhendo no segredo d'um annel muito lavrado o pedacito de calcario:—dá cá.

—E agora vá um beijo a valer!

Sim, disse a creança, dando-lhe a face de imagem, innocente e bella como um fructo.

Beijaram-se, e o pequeno desappareceu, azougado e nervoso, viciento de mais achados.

Attentei melhor na figura extranha que o pequeno involuntariamente me apontára, e que desde logo se distrahiu no movimento nevrotico da maré.

Era o antigo condiscipulo—o Adolpho, que, por sua vez, deu por mim, cumprimentando-me delicado, mas friamente.

—Extranho-te por aqui, disse eu para discorrer conversa. Suppunha-te em Ancora. Grande capricho deixar o verão do Minho...

—É verdade, vivo na casa esguia, que vês alem. Passo as tardes na areia com meu filho, um dos pequenos que anda por ahi em excavações e me interessa nos achados. Ainda agora me trouxe uma concha...

—Não sabia que tinhas familia.

—Tenho o Jorge, o meu filho.

É a razão da minha vida, quem me faz arrastar a cruz de cypreste que eu sou, que fui sempre...

—Sim, sempre te deste com pouca gente, arrisquei. Lembro-me de que no Collegio vivias exclusivamente comtigo.

—E' certo, assentiu. E no emtanto, mais do que alguem sei os horrores do isolamento.

E transfigurando-se:

—Olha que peior do que o isolamento só conheço a popularidade e a vida intima com pessoas que não saibam de sensibilidade. Emfim, tenho de viver ao menos até que o Jorge seja homem. Hade saber de mim quem é o semelhante.

Eu quero muito ao pequeno, porque é meu...

Na vida só ha um sentimento verdadeiro!

Nem tu sabes qual seja...

E' o *amor-proprio*. A Vida é este amor!

Quero cultivar-lh'o, intensifica-lo na consciencia d'elle.

Se chegar a odiar-me, a mim que heide incutir-lhe, com a mestria d'um pratico, a Philosophia do Odio, e o despreso pelo semelhante,—não tenho mais razão de ser junto d'elle, quero dizer n'este mundo...

—Se não fosse a confiança das tuas explicações, diria que peoraste em questões de trato, observei.

Cada vez mais azedo com o proximo, porventura mais inimizado comtigo.

Lembra-te de que deves ao teu filho o sacrificio da tua indole triste. E não ha razão que te absolva de tentares fomentar-lhe desconfianças, quanto mais crear-lhe suspeitas, industria-lo nas maldades provaveis d'aquelles com quem tem de viver!

—Não se trata de maldades provaveis, mas de prejuizos certos a derivar da tal confiança em que falas.

—Imaginei, disse ainda, que o mesmo facto de constituires

familia te salvaria de ti proprio, desassombrando-te duas partes do temperamento—a que tinhas de occupar com o teu filho, e a outra-a que naturalmente deste á mulher que elegeste, á mãe do teu filho.

—Enganas-te, não elegi mulher alguma. Eleger é trapacear. Creio no absoluto de forças que nos impoem sentimentos, servidoẽs de vontade. Dei-me á creatura que o Destino me distribuiu. Sabes quem foi essa mulher?

E á minha negativa:

Talvez te recordes de que todos os domingos, quando collegial, ia ver uma internada das Salesias.

Era uma educanda, minha parenta.

A principio, as -visitas que lhe fazia eram de mero dever. Mas pouco e pouco me fui sentindo possuido d'aquella rapariga travessa que, dentro de grades, era mais livre do que eu.

Ella vinha o mais das vezes acompanhada d'uma freira muito secca, não sei se mumificada pela reza, que ia discreta para a extrema do locutorio ler orações n'um livro vestido de merino negro.

Para que nos entendamos, pensava, basta o nosso parentesco. Eu, que ainda não puzera de lado a razão—via nas nossas relações um motivo de sangue, affinidades de creação—um culto natural, que me era agradavel considerar reciproco.

Maria via de leve as meticulosidade do meu pobre temperamento. Ria das minhas amarguras.

Parecia que a alma lhe trasbordava de felicidade, exasperando-se de alegria ao roçar das delicadas miserias que lhe contava...

E entretanto eu, que era, como sabes intratavel para quasi toda a gente, perdoava-lhe tudo—o que é mais agradecia-lhe tudo, pois que sentia um travo agradavel em ver cauterizada pelo seu riso a minha desgraça de tarado.

Quando me perguntava a razão da extranha tolerancia—logo me socegava, perdido no milagre da sua belleza loira, immanente de poderio e suggestão, pensando que me não humilhava ao rir dos meus desvarios pois que era do meu sangue!

Quero abreviar o conto... Doe-me a situação de victima-heroe. Demais presumo que te aborreça.

Se eu não ouviria uma só das tuas desgraças, com que direito estou a falar-te das minhas!

E aos meus protestos:

Bem sei:—Conheço demais as qualidades dos defeitos que tornam facil a vida social.

Sei quando a benevolencia passa delicadamente as extremas da mentira...

E a um novo signal meu:—Não te agastes; vou concluir o folhetim de que leste as primeiras columnas no Collegio.

Não tenho hoje segredos. De que serve retardarmos a noticia das nossas miserias! Afinal o Bem ainda se occulta, errando breve para a treva que tarja de socego a vida! O Mal corre com a velocidade da luz!...

Mas não imagines que se trata d'uma historia que te acredite

como contista. Historias d'essas vende-as a phantasia aos editores. A minha é simples, pois que é verdadeira—humana.

Vaes ouvi-la.

Maria sahiu para casa dos tios, os Condes de Lucena, quando tinha dezoito annos. Eu que arribei a Lisboa ao Curso Superior de Lettras, vim d'ahi diplomado em bugigangas pelo mesmo tempo, com vinte annos.

O espaço que intervalla a nossa camaradagem de collegio e esta data—venci-o enredando-me cada vez mais nos encantos de minha prima.

Assentei em que ella fôra até então a creatura unica a quem me confiára. Senti necessidade de a tornar bem minha, e pedi a sua mão aos Lucenas que de bom grado m'a confiaram, inferindo do enlace o melhor lustre para a sua e nossa prosapia, as vantagens da successão, etc.—coisas que tu chamas preconceitos e que afinal são factos para quem os sente.

Casamos. E d'esse casamento proveio o Jorge, o pequeno que alem anda.

Nunca fomos felizes. Percebi, a breve trecho, que se não entendiam—o meu genio sombrio e o seu enthusiasmo pela Vida.

Mas, como eu adorava o seu geito e galantaria de alveloa azougada—suppûz que pudesse tambem estimar-me pelos contrastes que o meu espirito lhe offerecia.

Nada disso. Vejo hoje que se horrorisava menos do gradil do locutorio nas Salesias do que da rede dos meus nervos.

Tenho na alma expressões de odio do seu olhar de verdete. Tonteava-a a meu aborrecimento de homem sombrio.

Demais, nem a distrahia nem a deixava distrahir...

A nossa casa era aferrolhada para toda a gente á excepção dos parentes, poucos, que nos visitavam, e d'um padre—o director espiritual das Salesias que apparecia ás vezes—o p.e João Sande.

Em pouco tempo vi o meu engano e o seu inutil sacrificio...

Entretanto o Jorge ia crescendo. E eu cada vez mais d'elle, ia-me tornando indifferente ás impertinencias de Maria de Lucena.

Ora, esta indifferença duplicou o seu odio.

Era creatura inferior, apezar da sua belleza loira, illuminada pelo olhar verde mais expressivo e forte que me tem fitado.

Era inferior ao mais da gente, que, ao menos, vê a rir os caprichos das minhas taras de sombrio, lançando-os á conta d'uma raça escangalhada.

Emfim um dia desappareceu de casa.

Ainda bem que estava perto o Jorge, quando o soube. Se m'o levasse já tu sabias a sua historia, a nossa historia, que teria acabado ha muito. Assim, só me abalou o orgulho o caso da sua deshonra, pela quota de deshonra que me deu... Agora adivinho a tua pergunta intima. Mas com quem fugiu?

Ahi está uma pergunta legitima, e unico ponto interessante para a tua curiosidade de novellista.

Não adivinhas! Fugiu com o padre, o director espiritual das Salesias...

Desconheço as passagens do Evangelho de que se soccorreu para meditar e levar a cabo a proeza.

Sei unicamente que este discipulo de Christo refinou o contracto de Judas. Vendeu o Mestre por bem mais de trinta dinheiros!

Ah! o padre ganhou bem o Inferno. Maria de Lucena valia um Inferno...

Emfim, ahi tens a historia, disse Adolpho, fitando-me a sorrir n'uma expressão branca d'odio delido.

Apezar de tudo, creio em Deus! Deus entra na minha genealogia...

Foi grande a tensão de relações em que estive com elle. Comprehende-se: o que me succedeu foi a minha e a sua deshonra!

Mas já quasi esqueci o que permittiu contra mim. Sinto-me ligado outra vez a Elle pelo Jorge!

Não encontrei palavras que pudessem attenuar a dôr acceite de Adolpho. Elle travou-me do braço e dirigimo-nos a procurar o Jorge.

—Vamos para casa, disse ao pequeno.

—Pois sim, concordou elle, vasando-lhe nos bolsos conchas e pedras de côr.

Acompanhei-os até casa na extrema de Carreiros.

Adeus, disse Adolpho. Perdôa as confidencias e esquece a historia...

Abraçamo-nos pela primeira e ultima vez.

(Continua).

Ancêde—Janeiro de 1911.

Villa-Moura

NOTA SOBRE

O

Juncus echinuloides Brot.

Pouco depois de ter regressado à Allemanha, o professor Link publicou no 2.º volume do JOURNAL FUR DIE BOTANIK de Schrader, no ano de 1799, uma pequena notícia da sua viagem ao nosso paiz, realizada em companhia do conde de Hoffmansegg. Nesta notícia, que tenho presente, descreve o ilustre naturalista um grande número de plantas que eram ou julgava serem novas para a sciência, entre as quaes se encontrava uma espécie de Juncus que, a pagina 316, define textualmente assim:

Juncus valvatus. Culmus foliosus. Folia compresso-teratia, valvata (nodoso-articulata vulgo). Flores capitati, capitulo laterali et terminali bractea suffulto. Wuchs in den sumpfigen Feldern von Montachique mit *Oenanthe globulosa* und einer neuen *Silene.*

Como se vê, esta diagnose da nova espécie *J. valvatus* tem o grave defeito de ser deficientissima e de se poder aplicar a diversas espécies de Juncus do nosso paiz, que apresentem as folhas nodosas. E', portanto, completamente impossivel por ela descreminar com rigor qual seja a forma a que realmente se refere.

Todavia em diversas obras modernas e autorizadas, como a excelente monografia JUNCACEAS DE PORTUGAL do sábio professor snr. Pereira Coutinho, é considerado o junco em questão como sendo o que mais tarde foi magistralmente descrito na FLORA LUSITANICA do nosso Brotero, em 1804, com o nome muito bem escolhido de *Juncus echinuloides,* nome nessas obras preterido, portanto, pelo de *J. valvatus,* incontestavelmente mais antigo.

Eu não sei as razões decisivas e claras em que se fundam os que estabeleceram ou admitem uma tal identificação, que só poderia ser feita, com certeza, pelo exame do herbário de Link, caso nelle se encontrassem exemplares do seu *J. valvatus* que a justificassem. O que sei é que há motivos poderosíssimos para, no meu critério, a invalidarem completamente, salvo prova maior em contrário, que por ventura venha de futuro a produzir-se.

Em primeiro logar, devo dizer, mais uma vez, que a diagnose linkeana é insuficiente para precisar a planta a que se reporta e que pode, pelo contrário, ajustar-se a espécies diversas do nosso paiz, não se devendo só por ela admitir a referida identificação; em segundo logar, tenho a acrescentar que Kunth, no seu ENUMERATIO PLANTARUM, tomo 3.º, pag. 341, não dá como seguro que as plantas de Link e de Brotero sejam a mesma, pois antes manifesta

a sua dúvida sobre isso, com um ponto de interrogação, que coloca ao indicar o binome broteriano como sinónimo do de Link; noto, em terceiro logar, que não encontro citações de provas convincentes, por parte dos autores modernos, para tornar como certo o que para uma autoridade do valor de Kunth era apenas duvidoso; por último, trago a campo as próprias indicações de Link, que depoem exactamente, como vamos ver, em sentido oposto.

Observe-se desde já que Link, ao apreciar em 1806 o primeiro volume da Flora do nosso eminente Brotero, no NEUES JOURNAL FUR DIE BOTANIK, 2.º volume, não menciona o *J. echiunloides* como egual ao seu *J. valvatus*, sendo certo, no entanto, que nunca se esquece de fazer cuidadosamente as identificações das espécies broterianas com as suas anteriormente descritas, revindicando os direitos de prioridade dos seus respectivos binomes. E isto parece-me um pouco de molde a pôr em dúvida que as duas referidas plantas sejam, na realidade, uma só e mesma espécie.

Mas há mais, que reputo definitivo e além de suficiênte para inutilizar a objecção de que Link poderia não saber a que planta Brotero se referia com a designação de *J. echinuloides* e encontrar-se, por êste motivo, na impossibilidade de reconhecer nela o seu *J. valvatus*. E' que na mencionada apreciação da FLORA LUSITANICA, quando fala no *Juncus stoechadanthos* Brot., diz o que segue: "encontramos esta bonita espécie nas regiões agrestes do rio Homem e oferecemo-la ao autor [1] com o nome de *J. lacteus*, por ser parecido com o *J. niveus;* em seguida comunicamo-la a Villdenow, que a deu ao snr. Rostkow. Este último descreveu-a como *J. brevifolius* e disse que tinha petala tria alterna duplo majora, para se diferençar pelas petala subaequalia do *J. niveus*. Se Rostkow se nos tivesse dirigido poderiamos ter-lhe enviado exemplares bons deste género, por exemplo o *J. echinuloides* Brot. uma magnífica espécie„.

Vê-se, pois, que Link conhecia perfeitamente o *J. echinuloides* de Brotero, de que possuia exemplares, como afirma, considerando a planta como magnífica espécie nova para a sciência e, conseguintemente, não idêntica ao snr. *J. valvatus*, que anos antes havia descrito. Isto é incontroverso, creio eu, e torna inválida a identificação feita e admitida pelos autores modernos—fundados não sei em que de positivo, das duas formas de juncos. Cumpre, portanto, restabelecer o binome **Juncus echinuloides** Brot. como designando uma espécie muito distinta pelo aspecto e bem notável pelos seus caracteres, não descrita nem denominada anteriormente ao aparecimento da diagnose e denominação broterianas.

Quanto os que seja o verdadeiro *J. valvatus*, que bem pode ser o *J. striatus* ou o *J. Fontanesii*, cumpre investigar devidamente, parecendo-me que só o exame de herbários, onde existam exemplares autênticos das mãos de Link, o poderia mostrar com segurança. Pesquizas feitas em Montachique, onde o professor alemão descobriu a sua espécie, também poderiam auxiliar a resolução

[1] Refere-se a Brotero.

do problema; no entanto não seriam em si só suficientes, por diversos motivos — entre os quais avulta o facto comprovadíssimo de Link indicar frequentemente localidades falsas para espécies que colheu em Portugal, talvez por confusão produzida com troca de etiquetas incompletas e colocadas provisoriamente, em viagem, junto dos respectivos exemplares.

Em suma: no meu entender deve-se 1.º considerar como errónea, ou improvavel, a identificação actualmente admitida dos dois juncos em questão, restaurando o excelente binome broteriano *J. echinuloides* para designar uma das espécies endémicas mais interessantes da flora portuguesa; 2.º rebaixar o binome linkeano *J. valvatus* (Link sed non auct. mult.) para o rol das espécies críticas, até que investigações definitivas demonstrem por uma maneira segura, a que planta ou forma de planta verdadeiramente se refere.

Porto, 3 – 11 – 1912.

BIBLIOGRAFIA

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

"Tres Conferencias" — Oscar Lopes — Edição da Livraria Chardron — Pôrto.

"Onomástico Medieval Português" — A. A. Cortesão.

"Árias. Rezas. Canções e Cantáres" — 1.ª série — Versos de Augusto de Santa Rita, músicas de La-Cruz-Quesada.

"O Escravo" — Braz Meleno.

"Janellas Abertas" — Afonso Schmidt.

"Irmánia" — Angelo Jorge.

"Violão sem mestre" — J. F. Bittencourt — Baía.

"Auto do Meio-dia" — Alexandre Francisco Ferreira.